

# **RETALHOS DA HISTÓRIA DO SEU CATTERINO E DA DONA ELVIRA M. FERABOLI BASSO**

## **COMO FOI ACONTECENDO**

Como era costume da época. A primeira morada após o casamento se dava casa paterna. A segunda morada variava. Era comum o casal trabalhar de agregado, que na Itália se dizia arrendatário. Modo este como vivia nosso vô antes de imigrar. Foi nesta condição, que nossos pais, após morar na casa paterna, foram morar na Linha Pontão, distrito de Relvado, município de Encantado, na condição de agregados. Passado algum tempo, mudaram-se. Agora já não mais como agregados. Não se sabe ao certo se na época para Linha Loreto, Linha São Paulo ou para Linha Bonita Alta. Também não se sabe ao certo se o local continuava pertencendo ao distrito de Relvado ou ao distrito de Dr. Ricardo. Ali no meio tinha um lugar que era linha ou distrito de nome Jacaré. Tudo sempre abarcado pelo município de Encantado.

O que aqui vai escrito, se reporta aos primórdios dos tempos que a família do Catterino e da Elvira foi se construindo. Como normalmente acontecia, íamos nascendo 1 a cada 2 anos aproximadamente. Na soma de todos somos em 8. Não se diria que os mais velhos iam bancando, amparando ou então dando guarida aos mais novos. Melhor fica dito sendo ajudantes de seus pais.

Ali, diante das adversidades, não poucas foram as dificuldades nem as necessidades que foram surgindo. Por força das circunstâncias, a improvisação, a criatividade, a busca por soluções ali mesmo, foram sendo forjadas e nós sendo preparados para a vida. Era o que se apresentava. Na soma de tudo, feito o cerne da árvore, serviu para fortalecer, o que viria depois e mais adiante, quando fomos lançados na selva de pedras, lá nas cidades e em tantos outros lugares. Aquilo que aconteceu lá na nossa infância, foi o que deu sustento, foi o que serviu como alimento, foi o que deu embasamento. Tanto para os desafios, como para as adversidades, que ao longo da vida, poucas não foram. Foi assim, que cada um de nós, os filhos de Catterino e de Elvira, feito ovelhas tendo que se afastar do rebanho, tiveram que sair por aí a desbravar, seu espaço conquistar, neste mundo sem fim.

E dizer, que naqueles tempos, quase com todos os imigrantes e seus filhos foi o mesmo que aconteceu. Se não tudo, também não pouco, começou lá no interior. Às vezes interior do interior, longe de tudo. Para tantos, nos primeiros tempos, locomoção somente a pé, a cavalo ou numa carroça, puxada por uma junta de bois encangados. Tempos depois, ainda que timidamente na estrada geral, normalmente longe das propriedades, davam partida, ainda que de forma esparsa, linhas de ônibus.

Por aqueles tempos, falar em energia elétrica soava estranho. Havia os que já tinham ouvido falar. A iluminação era a lamparina, que evoluiu para o

lampião. Tantos diziam que a chegada do liquinho movido a gás, era um invento e tanto e que tinha chegado a modernidade.

Por aqueles tempos. Lá no interior. Às vezes interior do interior. Distante de tudo? Talvez perto de tudo. Pois a natureza era plena, generosa e doadora. Mais que ter, ofertava tudo o que os humanos precisavam. A mãe terra então, propiciava fartas colheitas. Sempre estava pronta para atender as mais variadas necessidades dos habitantes. Quase todos imigrantes vindos de longe, onde a carestia insistia em continuar. Por aqui, já fazia muito tempo que alguém dissera “em se plantando tudo dá”. Talvez mais que isso, tudo era abundante.

Nós humanos e nossa vaidade. Nós humanos e nosso egoísmo. São tantos os humanos que só pensam em tomar, enquanto que a natureza, feito planta com seus frutos, o que mais faz é doar/ofertar. Talvez que estejamos em tempos de aprender com a natureza. Que a grandeza não está em receber e sim em dar e em se doar. Que quanto mais doamos, mais estamos recebendo. Nós humanos e nossa falta de sensibilidade. Muito embora maltratamos a natureza, ela em sua grande generosidade, em sua infinita bondade, grandeza nunca lhes faltou. Muito embora maltratada, a todo instante insultada, suas matas sendo derrubadas, para em seguida serem queimadas. Feito cordeiro a preste ser imolado, mesmo assim segue sendo doação. Nunca deixou de praticar a empatia, em busca da harmonia, visando a todos abrigar. Com imensa maestria. Por caminhos que nós humanos desconhecemos. Mais que prover. Soube manter, soube amparar, soube dar sustento a vida que ia se fazendo. Oh! Natureza. Oh! Natureza. Será que merecemos tanto? Oh! Natureza. Oh! Natureza. Até quando o seu altruísmo vai conseguir nos suportar? Tolerar está nos tolerando faz tempo.

Passado aquele tempo da nossa infância. Indo em direção ao tempo atual. Tantas foram as mudanças. Já não lembramos da água da fonte, que tudo o que se plantava não precisava de adubo nem de agrotóxicos. Que as sementes não eram geneticamente modificadas. Aquilo que produzíamos naqueles tempos, muito embora a produtividade fosse muito menor, alimentava muito mais daquilo que se produz nos tempos atuais.

Naqueles tempos, tanto a exuberância, como a perfeição da natureza eram tantos. Não é por acaso que em tempos anteriores aos imigrantes aqui chegados já se declamara que “em se plantando tudo dá”.

Dizer que tudo formam flores, não é para tanto. Em alguma medida, parte ao menos da parte boa, que pouca não foi, com alguma celeridade está indo para o esquecimento, está indo para o invisível. Estaríamos nós os humanos ficando insensíveis? Parece que optamos por cada vez mais ficar reclamando, assim como cada vez mais privilegiando as negatividades. A moda do momento é a polarização. Estaríamos carentes? Estaríamos inseguros? Estaríamos com medo? Por conta de tudo isso seria como se estivéssemos precisando de um pirulito? Parece que reconhecer aqueles tempos, assim como identificar coisas positivas está fora de moda ou então é caretice. Na soma de tudo, parece que nunca foi tão importante ficar reclamando. Não nos damos conta, que ao reclamar atraímos negatividades. Mais que isso as mandamos lá para dentro nós mesmo,

mais precisamente para a nossa memória. Lugar este onde fica o nosso depósito, onde fica armazenado, tudo aquilo que ao longo do tempo falamos. Há quem diga que neste depósito o que existe é mais de 80% de negatividade. O resultado, as consequências são assim. Quando falamos, é como se estivéssemos indo para o nosso depósito ou para a nossa memória. Nem é tão difícil de saber o que lá vamos encontrar. O pior não é saber o que vamos encontrar. O pior é que passamos a reproduzi-las. Além de não ter nenhum tipo de serventia, é o que passamos a ser. Vai uma negatividade aí? Uma vez tomados pela negatividade, ficamos nos parecendo com aquele tipo de animal que cava um buraco para em seguida nele esconder a cabeça ou então para se enterrar. Ou então seria feito se atolar no barro e ficar sapateando, resmungando, reclamando da vida. Além de ficar sempre no mesmo lugar, cada vez mais se afundando, bate uma canseira danada. Mais que isso as negatividades vão deveras nos amiudando, nos apequenando como se no mundo só existisse luta, sofrimento e dor. É de se pensar. Se nossos antepassados, tivessem desse modo se comportado. Mais precisamente ficado reclamando, resmungando e se ocupando com negatividades, o que iria ser?

E pensar, que quando aqui chegados os imigrantes, um extraordinário palco, com tantos cenários, com tantos atores foi quem os recepcionou. Foi quem recebeu nossos avós. Junto deles nosso pai, que saíra da Itália com 1 ano e nove dias. Cenário este que não estava sendo vislumbrado, talvez que estivesse sendo negado em sua terra natal. Para nossa sorte, junto não estavam as negatividades dos tempos atuais.

Com o passar do tempo aquele menino. Nossa pai. Saído da sua pátria tão pequenino, precisava se casar, ter muitos filhos, ser provedor. Já a menina, passado seu tempo, além de ter que se casar, ter muitos filhos, precisava cuidar do lar. No caso dos nossos pais não foi diferente. Foi assim que primeiro veio a Lourdes Catarina. Não demorou chegou o Claudino. Logo chegou minha vez Valdir. A Mairi não quis esperar. O Vicente pediu licença para chagar. A Ana Maria não queria se atrasar. O Carlos queria vir logo para aprontar. O Declides quis se apressar pois precisava fechar a porteira. Isto que vai escrito. Muito embora sou eu (Valdir) quem está escrevendo. Certamente está sendo escrito a muitas mãos. Que a semelhança dos dedos que as compõem. É tão imenso o tanto quanto costumam se ajudar. De tudo o que vai escrito aqui. Os principais, certamente são nossos pais, seu Catterino e dona Elvira. Em seguida vem os irmãos. Despois destes, certamente vem muitos mais.

Das muitas palavras que podem aqui ser declinadas. A que primeiro vem certamente é gratidão. Do tanto que foi, que resultou em tanto, que fica impossível recordar. Por conta disso, o que aqui vai ser escrito são fragmentos. É da natureza de escrever fragmentar. Ao fragmentar se privilegia o que se lembra mais. O que se gosta mais. O que mais se estudou. Aquilo do qual mais se ocupou. Pode ser a parte mais dolorida. Pode ser a parte mais colorida. Pode ser a parte que mais marcou. Igualmente tem fragmentos que estão lá dentro de nós mesmo, que desconhecemos, que não conhecemos direito, que não sabemos direito como funcionam. Porque estão ali? Como foram se encastelando? Como

foram fazendo morada dentro de nós mesmo? Ao escrever, de forma que não sabemos direito como funciona, fragmentos saem de lá de dentro de nós mesmo.

Todos fomos criados numa pequena propriedade agrícola. Seria ela somente lá do interior? Ou iria para além? Mais precisamente para o interior do interior? Que de tão interior que era. Nem se sabia direito a qual linha ou a qual distrito pertencia.

A escola distava aproximadamente 2 km da casa de nossos pais. Percurso este onde morros e pedras eram abundantes. Tempos houveram que parte da estada era coberta da mais variada vegetação. De tudo o que mais se destacavam eram a grama picúia e as guachumbas. Igualmente naqueles tempos eram comuns as geadas. Nem todos os alunos tinham calçado fechado. Havia aqueles que usavam chinelos com tiras de pneus ou chinelos de dedo. Havia também os que usavam um calçado com solado de madeira chamado de tamanco. Só bem mais tarde chegaram a conga e o kixute. Coisas estas que não eram para todos. Vezes houveram, que ao chegar na escola, como nas proximidades existia um riacho, que também podia ser chamado de sanga. Como os pés estavam avermelhados de frio, colocávamos os mesmos na água corrente do riacho ou da sanga, a qual aquecia os pés.

Como já dissemos, por aqueles tempos energia elétrica, além de não existir, soava estranho, não se sabia qual sua serventia, havia os que nem sabiam do que se tratava. Também naqueles tempos. Poucos eram os que sabiam escrever. Mesmo os que sabiam escrever ou ler. Mais se falava em garranchos ou em soletrar as letras.

Naqueles tempos lá no interior, indo para o interior do interior a vida corria simples. A medida que os filhos vinham vindo. Como já foi dito os mais velhos, em alguma medida iam dando guarida aos mais novos. Igualmente naqueles tempos, não poucas eram as lidas que se davam na propriedade. Tudo andava segundo a vontade de nossos pais. Quando não era assim, a varra de vime, o chicote, mais todos os seus parentados, além de estarem disponíveis e liberados, frequentemente eram postos para funcionar. Por aqueles tempos Ministério do Trabalho, ministério público, lei Maria da Penha, judiciário, todas estas coisas soavam estranho. O trabalho tanto em casa quanto na roça, poderia ter pequenas oscilações, mas normalmente começava quando éramos pequenos, por volta de 5 a 6 anos. Podendo ser antecipado. De todo o trabalho na roça, aquele com a enxada, com larga vantagem, era aquele que mais nos ocupava.

Passado algum tempo. Lá pela época de poder começar a namorar. Para em seguida se casar. Como na casa paterna, não tinha lugar para todos. Muitos foram os que se foram. Quase todos para a cidade. O que, faz lembrar nosso vô. Que não teve para onde ir. Outro país teve que procurar.

## **COMO ERA ONDE MORÁVAMOS**

Falar do tempo da vinda do nosso vô Marcos e da nossa vó Catterina, é falar de um tempo que nem é tão distante (1924). Menos de 100 anos se passaram. Passado aquele tempo, chegando ao o nosso tempo, foi ficando

tão diferente, que um já não reconhece o outro. Falar que no começo tudo era mato, não chega a ser tanto. Já falar em cotar mato, trabalhar, se casar, ter muitos filhos, ir à igreja, isso não se discutia, corria de boca em boca, era o que existia. Igualmente falar em estradas asfaltadas, energia elétrica, trator, celular. Tudo o que está disponibilizado nos meios eletrônicos de comunicação. Automóvel movido à energia elétrica. Mais tantas das modernidades da atualidade. Além de serem coisas desconhecidas, haviam os apocalípticos, que asseveravam que o final dos tempos estava a caminho.

O que se conhecia e do que se falava era das coisas da roça. O que incluía dentre tantas outras, os tipos de cavalo, suas utilidades e seus apetrechos. Juntas de boi. Os mais variados tipos de corda inclusive de couro. Vacas de leite, leitão, leitoa, porca chegadinha, porcos na engorda, carroça, máquina de debulhar milho, máquina de fazer massa que se dizia bigoli, canga, arado, enxada, cavadeira, saponela, pé de cabrito, sventolom, picão, serrote, manguá, cesta e cesto de vime. Tinha o garanhão do chiqueiro, que também era conhecido por barrasco, cachaço ou reprodutor. De tempos em tempos, se trocava as palhas de milho, armazenadas numa espécie de saco aumentado, que serviam como colchão. Todas as casas tinham forno de lenha, que depois de cozinar pão, podia assar batata ou torrar amendoim. Alguns tinham moenda de cana que todos chamavam de torcho para fazer melado ou açúcar de cana. Lá pelas tantas começaram a aparecer os rádios de mesa, quase todos da marca Scala. De tudo o que se ouvia o mais importante era o repórter ESSO. Vinha notícias até da Itália. Aos poucos foi chegando a trilhadeira, o quebrador de milho. O motor quase sempre era o Wisconsin ou o Monteblanco movidos a gasolina. O que foi vindo depois do tipo motosserra já faz parte dos tempos da modernidade.

Se trabalhava muito mas rendia pouco. Tudo era manual. A autoajuda entre os vizinhos se dava em abundância. Todos gostavam. Pouco se importavam, se rendia muito ou se rendia pouco. O que mais contava, era o encontro propriamente dito, a partilha e a falança. Quando incluía uma festança, a comilança era farta, ficava parecendo o paraíso.

Era nessas ocasiões, que às vezes ali no meio do movimento, discretamente, brotava uma piscada, um tanto sem jeito, um tanto acanhada. Muito embora quase sempre era do moço para a moça, o contrário também se dava. Nestas ocasiões as bochechas se avermelhavam. Brotava lá de dentro um sentimento que não se explicava. Se parecia com uma chama ardente da qual não se tinha o comando. Isto valia tanto para os moços quanto para as moças. Mais do que isso, nestes momentos, os sentimentos fugiam de controle, se insurgiam, não obedeciam. Se preciso fosse, feito leão rugindo ousavam, seguiam avançando, rompiam paradigmas. Tais rompantes repentinos, quando a própria razão, perde a razão, desconhecem barreiras, ultrapassam fronteiras. Não dão limites à ousadia. Eis que urge a conquista. Nestas ocasiões, tem pouca valia se falar em juízo. Fica parecendo como se fosse um vulcão, pronto para entrar em erupção. Ou então feito canhão ou ainda um furacão, tudo de prontidão para disparar a artilharia, não medir

a ousadia, expor-se aos riscos de ser engolido pelo turbilhão que se avizinha. Só pensa em avançar, sem nada avaliar, menos ainda medir, o que se dirá de racionalizar. Pouco se importando no que vai dar. No mais das vezes mais que desconhecendo ou ignorando tanto os perigos como as consequências. A lembrança da piscada, assemelha-se a uma faísca diante de um produto altamente inflamável, do tipo à gasolina. Quando é assim, tudo vai sendo alimentado, tudo vai se juntando mais depressa do que deveria. No mais das vezes acaba em casamento.

Como já dissemos, naqueles tempos se trabalhava muito. Se o mesmo rendia muito, importar até que importava, mas era uma importância um tanto relativizada. Diferente dos tempos atuais, no final do mês, não tinha uma penca de boletos, que indo mais para o tempo presente nem estes existem mais. Tudo está ficando tão virtual. Se assim continuar, logo ali na próxima esquina, nem dinheiro mais vai existir. Igualmente gente propriamente dita, importar até que importa. Mas sua importância está ficando cada vez mais relativizada. Na mesma proporção que a sua conta bancária está sendo cada vez mais cobiçada. Não está errado asseverar, que se assim continuar, de gente, o que vai se precisar é do seu vil metal (dinheiro) de forma virtual. Falando neste tal de vil metal, a gula por ele tem sido tanta, que se depender de seus comandantes, até para respirar, vai ser preciso pagar, mais precisamente desembolsar vil metal de forma virtual.

Como íamos dizendo, naqueles tempos, o rendimento não importava tanto. Na propriedade se produzia o sustento de praticamente tudo daquilo que se precisava. A vida seguia tranquila e serena na sua simplicidade. Outras necessidades até que existiam, mas passava distante dos apelos, das gastanças e das extravagâncias dos tempo atuais. Ao mesmo tempo que não se media, pouco contava a quantidade de vil metal, que por aqueles tempos costumava habitar nas carteiras. A medida que o tempo foi passando, o vil metal foi se avolumando, por consequência se assanhando. Para além das carteiras, começou a repousar nos bancos. Teve aqueles que durante muito tempo, tiveram que se contentar com as migalhas de vil metal. O que também é conhecido como ter que viver na carestia. Lembrando que o talvez é mais importante que a certeza. Talvez que naqueles tempos, o vil metal conseguiu deixar injuriados muitos daqueles que dele se ressentiam. Teve vezes, que tal ressentimento foi tamanho, que assim que chegou, quis recuperar o tempo perdido. Foi assim que onde o vil metal assumiu a dianteira, não demorou começou a fazer estripulias e uma infinidade de besteiras.

O vil metal tem suas especialidades, suas particularidades e suas especificidades. Quem sabe comandá-lo, dele logra uma enormidade de benefícios. Já os que não sabem comandá-lo costumam entrar em roubadas das brabas. Além de perder o rumo, ficam bobos, arrogantes e mesquinhos. Uma vez neste estado, o vil metal, além de não se fazer de rogado, não perde tempo, mais que depressa acaba assumindo a dianteira. Faz dos humanos algo parecido com uma junta de bois encangados. Além de controla-los com as rédeas sob seu comando, a escravidão passa ser uma questão de tempo.

Nosso pai que saíra da Itália com 1 ano e nove dias. Estava no meio disso tudo. Para nossa sorte, não sofreu das perversas consequências do vil metal. Ao se casar, como tantos outros, primeiro foi trabalhar como agregado, que na Itália era dito arrendatário. Passado algum tempo, pensou em migrar. Agora já não mais como agregado, do distrito de Relvado, para o distrito de Dr. Ricardo, ambos os lugares pertencentes ao município de Encantado. Dizer que foi para o interior talvez seja dizer pouco. Dizer que foi para o interior do interior, muito embora pareça exagerado, é o mais adequado. Sabe-se lá se um tanto mais afastado, das façanhas do vil metal, não tenham ajudado a manter a retidão ou então a cobiça que já por aqueles tempos corria feito um corcel desvairado.

Inicialmente as terras adquiridas constam como pertencentes a linha nossa senhora do loreto – jacaré. Se na época jacaré era distrito de Encantado não se sabe. Não muito tempo depois passou a pertencer ao distrito de Relvado. O tal de jacaré vai ficar melhor entendido lá no capítulo que fala dos professores.

Naqueles tempos, enquanto que para os alemães que vieram primeiro, para todo o lugar que abriam e povoavam davam o nome de picada, do tipo picada café, picada jacaré, picada tucunduva, picada vinagre, picada jacutinga. Os italianos onde chegavam, para o lugar que abriam e povoavam davam o nome de linha. Por conta disso, por onde nosso vô chegou. Talvez por ele e por outros italianos que chegaram, deram nome de linha salvação. Foi assim que surgiram nomes um tanto pitorescos ou então um tanto inusitados do tipo linha peca, linha batata queimada, linha batata quente, linha pau de sebo, linha mula preta, linha mancha ré, linha burro feio, linha batata assada, linha pau queimado, linha terneira amarrada, linha mula empacada. Era muito comum dar ao nome da linha o sobrenome da maioria dos moradores, ou então o nome de santos.

Quanto ao ano, que nosso pai deixou de ser agregado, para ser proprietário, possivelmente foi 1955. Do que pode ser dito do lugar, é que praticamente só existia mato. Além disso, o que pode ser dito, é que pelas redondezas, já existiam moradores, inclusive parentes ou conhecidos, principalmente imigrantes italianos. O que num primeiro momento faz lembrar do sobrenome Golin.

Aqui é oportuno ressaltar. Não se sabe ao certo se vindo da Itália, por necessidade ou com ajuda da igreja. O que muito ajudou, àquilo que seria o embrião do cooperativismo e das cooperativas, que viriam depois, que foi a solidariedade e ajuda mutua praticada entre os moradores, quase todos imigrantes. Ainda hoje aos lugares povoados se fala em comunidade, de onde vem o comum, o coletivo, o cooperativismo, a cooperativa.

Todos os imigrantes italianos eram católicos, professavam sua fé religiosa, em igrejas, capiteis e em casa. Para além disso, construíam seus campanários com seus sinos e seus salões comunitários.

Por aqueles tempos, falar em estradas. Estradas propriamente ditas eram muito poucas. Em não poucos lugares mais eram aberturas no meio da mata que se pareciam com trilhos. Talvez tenha sido por conta disso que os alemães falavam em picadas. Mais que isso, eram frequentes os

atoleiros, assim como a impossibilidade de transitar depois da chuva. Não raro a água entupia os bueiros feitos de pedras e de madeira, quando existiam. Ou então arrastava, deslocava pedras e árvores para o meio daquilo que se dizia ser estrada, com pouca ou nenhuma infraestrutura.

Se de um lado tudo isso era um desafio. Talvez que melhor ficou para aqueles que nisso tudo enxergaram oportunidades. Lá estava a natureza intacta com toda a sua diversidade e com toda a sua exuberância recebendo seus primeiros habitantes, quase todos imigrantes.

Tanto se fala da vontade, do sonho dos imigrantes de ter um pedaço de terra e ali constituir sua família. Uma vez que de onde vieram, além de ser uma raridade, quase um sonho, era uma realidade que vinha sendo negado fazia tempo. Falar da forma como nossos antepassados atuaram certamente muitas serão as controvérsias, mas se falarmos dos impérios maias, incas e de outros tantos que os europeus encontraram pelas américas quando aqui chegaram. Em que pese tudo o que possa ser dito e contestado, diferente do império romano e de outros que o antecederam, nos deixaram o legado de uma natureza praticamente intocada. Para eles, por exemplo, terra, água e florestas eram sagradas. A pergunta que insiste em não se calar, é claro que agora de forma muito mais facilitada, com base em tudo aquilo que sabemos. Teria sido preciso cortar e queimar tanto mato? Ou então teria sido preciso fazer o que os portugueses, principalmente os espanhóis fizeram, com o aqui existente tanto com o ouro como com o restante? Hoje já existem aqueles que asseveram que a floresta em pé é mais produtiva do que terras cultivadas. Igualmente, em nossos dias se sabe muito mais sobre a importância das árvores, da água, da terra e de tantas outras coisas mais. Não cabe julgar, até porque o conhecimento era praticamente inexistente. Mesmo assim, não teria sido mais prudente, se os imigrantes aqui chegados, tivessem se inteirado das coisas da natureza, antes de se embretar floresta a dentro com seus machados e foices, cortando mato e em seguida queimando? Vindo mais para os nossos dias. A natureza com toda a sua sabedoria e com toda a sua perfeição, não estaria mais que dando sinais, não estaria nos dizendo a todo instante que sem sua parceria, que sem seu consentimento, nós os humanos com nossa arrogância e com nossa soberba, com nosso gosto pelo vil metal, podemos continuar desmatando e queimando.

Podemos continuar entupindo a terra de agroquímicos, de agrotóxicos, de sementes geneticamente modificadas e segue a fila. Pelo efeito causa consequência, poderá até demorar, mas não tem como, mais dia menos dia, a fatura, também dito as consequências vão chegar.

Não é que necessariamente precisa ser assim. Lembram do talvez? Pois talvez o poeta nos ajude quando diz: " Oh! Que saudades que eu tenho. Da aurora da minha vida. Da minha infância querida, que os anos não trazem mais". Falar de bons tempos ou de maus tempos aqueles, mais depende de como costumamos pensar e de como diante dos fatos costumamos nos posicionar. Talvez mais que evidenciando, a natureza esteja nos mostrando a sua perfeição, a unidade na diversidade, que tudo é uma coisa só. Nós os humanos, à medida que o tempo foi passando, fomos sendo tomados cada vez mais pela cegueira, pelo cobiça e pelo

egoísmo do ter, do vil metal. Por conta disso dele estamos ficando cada vez mais submissos, cada vez mais dependentes. Caminhando cada vez mais celeremente em direção à escravidão. Nos esquecendo, que a medida que o tempo vai passando. Muito embora insistimos em ignorar. Tanto a cegueira como o egoísmo e a cobiça para cada vez mais ter, estão nos levando para a beirada do precipício. Os sinais já estão pipocando em tantos lugares. Alguém já disse que cego é aquele que insiste em não ver. Se assim continuar. Vai ter uma hora que vamos chegar na beirada do precipício. Se mesmo assim continuarmos a fazer o mesmo que estamos fazendo, não é difícil de saber o que vai acontecer.

Em meio a tudo isso, cá estamos nós, parte dos descendentes do vô Marcos e da vó Catterina. Vamos nos multiplicando, vamos nos espalhando por este imenso Brasil. Talvez melhor mesmo que não seja “la cucanha”. Muito embora há quem diga que o cavalo encilhado (oportunidades) custe a passar, há quem diga que diga que o cavalo encilhado, está sempre ali na sua frente pronto e encilhado aguardando para você montar.

Dizer que no tempo da chegada do nosso vô e de nossa vó, tudo foram flores. Todos nós sabemos que não foi assim. Muito embora esta parte da história não foi contada. Nossa vô e nossa vó com Mussolini e seu fascismo não concordavam. Talvez que nem pensassem em sair da sua pátria, emigrar, eis que seus filhos já estavam sendo escolarizados. Para nossa sorte, nosso vô e nossa vó ousaram, romperam paradigmas, se desafiaram, fizeram sua opção, não se fizeram de rogados, outros lugares foram procurar. Quanto a nós, muito embora não fosse preciso atravessar o mar, nem outro país procurar. O destino parece não ter sido tão diferente. Que foi sair lá do interior, que também pode ser dito interior do interior, por este imenso Brasil tão rico e tão diferente se embretar.

## **OS PROFESSORES NA CASA DOS NOSSOS PAIS NOS TEMPOS DE IR PARA A ESCOLA**

Nos tempos da nossa infância, com muita frequência os professores moravam na casa de nossos pais nos tempos de ir para a escola. Sempre que isso acontecia, se de um lado, as parcerias com os professores mais se davam com nossa mãe. Não deixavam de enciumar nosso pai. Naqueles tempos se dizia que quem mandava era o homem. Este dizer, não se diria que é falso. Talvez melhor fica dito, que não retratava a verdade por inteiro. Pode ser que o homem falava mais e mais alto, por conta disso achava-se, pensava-se que mandava. Pode ser que a mulher falava menos e mais baixo, isto não significava que mandava menos. Podia até significar que mandava mais. Tinha e continua tendo vezes que silenciar, assim como um olhar, contava e continua contando mais que as palavras.

Naqueles tempos não existiam tantas profissões. Das hoje existentes, naqueles tempos, a grande maioria nem se sabia que poderiam vir a existir. Mesmo das já existentes, tinha umas que eram estranhas, se dizia que não precisavam. Pois havia os que diziam, que uma varra de vime, além ser um santo remédio, poderia curar muitos dos males, que por

aqueles tempos, já principiavam. Neste contexto, este que vos fala, tinha uma particularidade com a qual se destacava. Assim que as oportunidades propiciavam, era um piscar de olhos e lá estava ele apoiado no cabo da enxada. Nem é preciso dizer, que sempre que isso acontecia, o trabalho nada rendia. Nestas ocasiões as possibilidades da vara de vime entrar em ação aumentavam. Pois era do conhecimento de todos, que isto de ficar pendurado no cabo da enxada, ensejava muitos riscos. Para quem ainda não percebeu, que fique claro que o principal deles, era passar pelos dissabores da vara de vime.

Para nossa sorte, naqueles tempos, lá Brasília ou no Rio de Janeiro, (governo federal) se já existiam não tínhamos conhecimento, daquela infinidade de armadilhas, de artimanhas, de conluios, de motretas, de mamatas e de negociatas, dos tempos atuais.

Das tantas variedades e das tantas especialidades, fiquemos com aquela de lobos em pele de cordeiros. Que primam por um linguajar cheio de saracoteios, rompantes, batidas nas mesas, discursos inflamados, podendo até ser babados, quase sempre de mentirinha. Ou então com seus teatros, onde os atores, com seus ardores, com sua maestria, com sua cara de pau? Ficam interpretando suas peças. Para isso ficam usando um linguajar rebuscado, um discurso inflamado. Falam muito, não dizem nada. Tudo ou quase tudo enveredando para atender seus interesses, seus curais eleitorais. De maneira geral robustecer e fortificar tudo aquilo que gira ao redor do próprio umbigo, ou serve para mais juntar o danado do vil metal. Mais que isso, primam por manter o povo alienado, marginalizado, afastado do saber. Feito bois encangados, sempre que preciso, sendo puxados pelo cabresto. Tendo que se contentar com as migalhas ou com outras miudezas caídas ao chão, dizendo (mentindo) que estão fornecendo caviar.

Melhor assim. Se dizia que a vida lá no interior, indo para o interior do interior, apesar da dureza, corria de forma simples, livre, solta, limpa e pura. A palavra, o fio do bigode, a confiança e a honestidade, dispensavam qualquer tipo de demanda judicial, que a maioria nem sabia da sua existência. O padre, com larga vantagem, além de substituir o judiciário, era mais poderoso que o juiz. Era a autoridade propriamente dita. Acredita-se que por deter todos os segredos do confessionário seu trabalho era facilitado. Sem delongas, sem consulta aos manuais, ali mesmo determinava a sentença. Quem não obedecesse, no sermão dominical, de alguma forma era informado. Em caso de reincidência tanto a penitência como o custo eram dobrados. Quanto às demais demandas, se dizia que o melhor remédio era o tempo, ou então que se resolviam por elas mesmas. O que com o passar do tempo, além de não restar comprovado, começou a suscitar os mais variados posicionamentos.

Naqueles tempos, a hierarquia era diferente. Em primeiríssimo lugar vinha o padre. Além de ser a maior autoridade, ninguém ousava desafiar. Sequer insinuar possíveis discordâncias. Quanto a obedecer. Muito embora o falar não pudesse denunciar, nem dar chance para que suspeitas pudessem acontecer, poderia falsear. Oficialmente todos obedeciam. Mas se exigia muita carestia, ou se a pena fosse considerada grande demais. Como não

eram auditadas. Poderia acontecer que tanto uma quanto a outra, acabariam por ser encurtadas. Usando critérios de acorda com o que se percebia e que se sentia na ocasião. Todos sabemos do efeito causa consequência. Hoje quando se discute a síndrome da igreja vazia, se atentarmos às causas, talvez que facilite o entendimento daquilo que está acontecendo.

O que indiscutivelmente foi muito positivo naqueles tempos foi a prática da solidariedade e a ajuda mútua. Não está errado dizer que se parecia com os tempos em que Cristo vivia com seus discípulos. Não é que tudo era em comum, mas que o comum, o coletivo, eram praticados a exaustão isso era. Diferente dos tempos atuais parece que estamos voltando ao tempo do “olho por olho, dente por dente”, o outro ou então o próximo que se dane.

Depois do padre, muito embora numa escala bem menor, vinha o professor. Por aqueles tempos já se falava em advogado. Em médico que mesmo não sendo se dizia doutor. Muito embora fosse raridade também já existia, mas somente a ele se recorria, uma vez esgotadas todas as demais possibilidades. Quanto às demais profissões, por aqueles tempos principiavam. Muito embora não se sabia, nem se entendia muito bem sua serventia, se dizia que professor era um cara muito sabido e todos respeitavam.

Naqueles tempos, praticamente tudo girava ao redor de trabalhar na roça. O que mais tinha, certamente eram enxadas. De tudo, com larga vantagem, o que mais se fazia era capinar. Para além disso, tinha as lidas domésticas, mais as lidas pelas proximidades, que também se dizia pelas redondezas da casa. Dentre as que se davam dentro de casa, que poucas não eram, tinha uma particularmente interessante que se dizia passar ferro na roupa. Quando isto acontecia, antes era preciso providenciar uma cesta de sabugos por perto do fogão, pois era o que mais rapidamente se transformava em brasas, as quais eram colocadas dentro do mesmo através de uma portinhola. Como as brasas com o tempo perdiam calorias, de tempos em tempos eram substituídas. Para além de limpar e massagear, esta era mais uma das tantas utilidades dos sabugos. Dentre as outras atividades, algumas eram: Lavar roupa no tanque, varrer o pátio, cultivar a horta, cuidar do jardim na frente de casa, tirar leite de vaca, tratar os animais, tratar os suínos que na época eram chamados de porcos, fazer pasto, cuidar do potreiro, descascar, debulhar e moer milho, tratar as galinhas, recolher ovos, cuidar do galinheiro. Tinha muito mais, que em nossos dias ou caíram em desuso ou com a modernidade, vieram as facilidades, ou então não se faz mais. Como já foi dito, naqueles tempos, muito embora não se sabia muito bem a sua serventia, a grande maioria ia para a escola, pois era feio não ir. Este negócio de ser letrado, falar o português acertado, lá no interior do interior poucos entendiam como poderia ser aproveitado.

Pelo dito até aqui, fica fácil de perceber, que dos moradores do lugar, raramente alguém iria ser professor. Para nossa sorte, frequentemente moravam na casa dos nossos pais, nos tempos de ir para a escola. Falar de suas contribuições, do legado que nos deixaram, além de ser incalculável,

cada um de nós tem seu próprio modo de avaliar. De tudo o que se passou. De tudo o que aconteceu. Bons tempos aqueles. Para este que vos fala, a palavra que vem primeiro, é muita gratidão.

Passado o tempo. O mesmo perguntou. Quanto tempo se passou? O tempo respondeu para o tempo. Passaram-se menos de 60 anos. Desde o tempo que os professores, saíram lá da cidade, fizeram sua morada na casa dos nossos pais, nos tempos de ir para a escola.

Seria de perguntar. Como isso não se pode mais. Fica-se imaginando. O quanto os professores foram desfiados. Ao sair lá da cidade, com os confortos da modernidade, ir lá para o interior do interior. O tamanho desafio. Tanto na sala de aula, como morar em lugares sem energia elétrica, iluminação de lamparina, quando muito de lampião. Vasos sanitários não existiam. Água encanada também não, funcionava a base de baldes, trazidos lá da fonte para dentro de casa, servida com canecas.

Ah! Os professores, ao seu modo e ainda que de forma incipiente. Feito semeador que saiu para semear, tantos foram os desafios que tiveram que enfrentar. Tantas foram as adversidades pelas quais tiveram que passar. Em tantos solos diferentes tiveram que semear. Não pouco foi o feito. Que por tantos não quis ser feito. Ir lá para o interior do interior, onde o conforto não existia. Para nossa sorte, teve professores, que muito embora as condições não fossem as mais adequadas. Se dispuseram, se desafiaram. A sementes ir semear. Tais sementes foram semeadas em solos diferentes. A nem todas foi permitido germinar, muito menos serem cultivadas. Daquelas que germinaram e ainda que de forma limitada, puderam ser cultivadas. Passado o devido tempo. Puderam sair mundo afora, cada qual ao seu modo, ainda que com muitas limitações, desbravar novos horizontes. Tendo como ponto de partida, o conhecimento transmitido pelos professores, lá no interior do interior, com tantos desafios, com tantas limitações, com tantas adversidades. Pois é sabido que carestia insistia em se perpetuar. O conhecimento transmitido, teria sido o suficiente? Talvez antes de perguntar, talvez antes de julgar, deveríamos imaginar, quem sabe nos colocar no seu lugar. Quais condições, qual ambiente, tinham os professores para ensinar e tinham os alunos para aprender? Certamente com lamparina, no máximo lampião, pois durante dia era preciso trabalhar na roça, não era o mais adequado. Para além disso, não para poucos que iam para a aula, os afazeres na propriedade, vinham primeiro que estudar ou então fazer os temas de casa. Reforçando esta fala,

o conhecimento que foi passado, teria sido o suficiente para mudar o ali existente? Ou então em nossos dias, num português mais letrado ou então vindo da modernidade, teria conseguido romper paradigmas?

Quando se chega neste ponto, podemos nos servir de tanta diversidade, da qual é composta a humanidade. O mesmo foi transmitido para todos pelos professores. De igual forma foi absorvido? Igualmente aproveitado? Quando se diz que o semeador saiu a semear (palavra, conhecimento). Muito embora de igual forma foi semeado, de tantas maneiras foi absorvido ou então aproveitado. Tantas foram as adversidades e tantos foram os desafios. Não foram poucos os que fraquejaram.

As sementes e seus desafios. As sementes e suas dificuldades. As sementes e suas especificidades. Tem aquelas do tamanho das de mostarda, tem outras ainda menores. Uma vez tendo sido plantadas, uma vez tendo tido oportunidade e ambiente favorável. Se a terra foi de boa qualidade (mente humana), em bons resultados, em diferentes lugares, puderam ser experimentados. Aqui entra a individualidade. Tanto já se escreveu que entre todos os seres humanos existentes, não existem sequer dois que são iguais. Se tomarmos emprestado este saber, não é difícil de concluir, que somos parte de um universo infinito de possibilidades. Tantas vezes negligenciado, outras vezes inviabilizado, por diferentes formas de pensar, pois o autoritarismo comandava. Na sala de aula tudo era igual, mas como o mesmo foi se movendo? Como o mesmo foi fazendo o seu revolvimento? Assim como cada um, cada família era guiada, no mais das vezes estrangulando a diversidade. Muito pouco, as vezes nada se falava, como as coisas da propriedade deveriam ser administradas. Como era devido se portar. Como era devido pensar. Como era devido projetar. Como era devido o futuro desbravar. Imaginemos uma família, numa pequena propriedade agrícola com produção para o sustento, mais produção diversificada. O universo de possibilidades que se criava. Igual aos tempos atuais. O homem vinha de um lugar, a mulher vinha de outro. Frequentemente se visitavam. As possibilidades se multiplicavam. Em meio a tudo isso, talvez a maior de todas as riquezas, fossem as diferenças de pensar e a partir de tanta diversidade a unidade construir.

Por aqueles tempos, para o bem ou para o mal, existia a autoridade patriarcal. Pouco ou nada a diversidade, assim como as diferenças, foram postas para andar. Com isso talvez, além de terem se perdido as melhores partes, se perderam as melhores oportunidades. Era corrente os patriarcas, das seguintes frase se apropriar: “qui comando mi” (aqui quem manda sou eu) ou então “fim que som vivo comando mi”. (até que estou vivo sou eu que mando).

Em meio

a tudo isso. No tempo que éramos crianças. Vezes havia que vinha gente e parentes de outros lugares, falavam de coisas diferentes, de outras oportunidades, de outras formas de fazer, principalmente na agricultura, disso tudo muito pouco se aproveitou. Como era o costume. O patriarca era quem mandava. Dentre as opções que se criavam, uma delas era obedecer, outra delas era correr o risco de passar pela varra de vime. Quanto as demais oportunidades também existiam mas na prática eram pouco aproveitadas.

Muitos foram os que das redondezas saíram. A maioria foi para Santa Catarina, alguns poucos para o Paraná e para outros lugares, quase todos se estabeleceram na agricultura. Se falava em terra nova, em terra de mato, em terra barato e em fartas colheitas.

De tempos em tempos, vinham os parentes de Santa Catarina. Que por algum tempo eram chamados de “barriga verde”. Lá em casa, o que vai na

minha lembrança, os barriga verde que mais vinham era o tio Hernesto Gaboardi, casado com uma irmã de nossa mãe. Depois era o tio Toni (Serafino Basso) irmão do nosso pai e o tio Nei (Giovani Basso) também irmão do nosso pai. Por lá também tinha o tio Sílvio (Silvestro Basso) irmão do nosso pai. Outros que haviam saído do lugar também vinham. Em menor frequência, os daqui também iam para Santa Catarina e outros lugares. Neste caso só os pais, com muita sorte os filhos mais velhos.

O que se dizia de lá, é que as terras eram muito boas, que produziam muito mais do que as daqui, que era quase tudo terra de mato. Muito se falava na produção de feijão cavalo, feijão preto e feijão branco. De outros tipos também existia. A melhor safra de feijão era a de segunda, plantada no meio do milho. O feijão além de render muito, valia muito. Se dizia que era quase “la cucanha” (fartura). Corria de boca em boca que as terras daqui produziam muito menos que as de lá. Só tempos depois com o advento do calcário e do adubo. Que inicialmente muito pouco se usava. As terras daqui começaram a produzir mais. Mesmo assim quando se falava em investir na propriedade. Se dizia que no próximo ano, se iria par Santa Catarina.

Naqueles tempos, se falava muito em comprar terras em Santa Catarina para colocar os filhos. O pensamento que corria de boca em boca é que todos iriam ser agricultores. Para isso Santa Catarina era o lugar mais promissor. Terra de mato, terra barato, filhos recém-casados, grandes colheitas, muitos filhos e netos chegando, era quase o paraíso. Por conta disso nada se investia na propriedade. Oportunidades até que existiam. Isto de investir na propriedade, além de ser novidade. Não se sabe se devido ao medo, não vislumbrar serventia, desconhecimento, conversas de bodega. O fato é que na soma de tudo, a inércia prevalecia, nada acontecia. Na propriedade nada se inovava. Tudo acabava naquela frase sovada, há tanto tempo decorada, usada a exaustão, no ano que vem vamos para Santa Catarina. Por conta disso sequer se plantava uns pés de parreira, uns pés de bananeiras, uns pés de pessegueiro, uns pés de pera, uns pés de marmelo, uns pés de outras árvores frutíferas. Para num futuro não distante, poder colocar frutas na mesa, fazer marmelada muito apreciada, normalmente passada junto com nata numa fatia de pão.

Em tempos mais recentes, visitando escolas agrícolas, cooperativas, prefeituras, EMATER, propriedades agrícolas. Ao tentar entender, o que no tempo da nossa infância se passava, que a grande maioria das propriedades agrícolas, enquanto que algumas empacavam, outras minguavam, algumas poucas prosperavam, sem causa aparente. Dos tantos motivos, o que mais se destacou, foi o conflito de gerações entre pais e filhos. Em não poucas oportunidades. Às vezes em conversas animadas em outras nem tanto. Vem à lembrança de histórias contadas pelos moradores, no caminho das pedras, na cidade de Bento Gonçalves-RS e em outros lugares, sobre o tempo da imigração e tempos depois. Restou confirmado, com grande destaque, o conflito de gerações. Para exemplificar. Em tempos passados, o município de Encantado -RS, teve uma experiência pioneira, que infelizmente deu pouco resultado. Como naqueles tempos, a agricultura as dava por safras. Os filhos de agricultores

nas entressafras ficavam na escola, nas épocas de safra ficavam em casa. A grande maioria ao retornar à suas casas, ao tentar aplicar o conhecimento adquirido, teve como principais oponentes seus próprios pais. Dos poucos a quem foi permitido aplicar o aprendizado, com o passar do tempo, viraram as melhores propriedades do lugar.

Na medida que o tempo foi passando, a mecanização da agricultura foi chegando. Muitos agricultores, por conta das resistências, conflito de gerações, também por outros motivos, acabaram sobrando. Agora já não mais indo para Santa Catarina e sim para a cidade ou outros lugares.

Voltemos ao tempo dos professores na casa dos nossos pais nos tempos de ir para a escola. Dizer que a igreja foi o elo, a conexão. As palavras são andantes. Assim como podem ser contestadas, podem ser usadas de tantas maneiras. Pelo sim ou pelo não, fiquemos com aquilo que existe de concreto. Daqueles tempos até nossos diais, a história mais é encontrada, nas igrejas e nos cemitérios. Também naqueles tempos, não é que escola e igreja estavam juntas e misturadas. Entre elas existia uma certa liga, uma certa sinergia. Seria como se uma se servisse da outra. Não é que era obrigatório, mas tinha coisas da igreja que se faziam nas escolas, o inverso também acontecia. Chegou a existir escolas/capela. Muito mais liga existia. Tipo rezar antes de iniciar a aula, o sinal da cruz, a catequese, o escapulário, o crucifixo, o terço, a capelinha. Muitas das vezes, das coisas da igreja, era na escola que iniciavam. Assim como era comum a professora ser catequista. Era considerado de bom tom incentivar práticas religiosas, frequentar a igreja, obedecer a santa madre. Não é que os professores necessariamente tinham que ser igrejeiros, mas se fossem facilitava, a confiança melhorava. Os pais se sentiam mais confortáveis quando o professor era igrejeiro, em se tratando de catequista, o prestígio aumentava.

Aqui vale uma conversa sobre roça e cidade. Muito embora em nossos dias, cidade e interior são diferentes. Por aqueles tempos, não é que não eram, mas não tanto quanto no tempo presente. A grande maioria dos moradores da cidade, se não tinham saído do interior, entendia-se da roça, por lá tinha um pé. Com os professores quase todos vindos da cidade, não era muito diferente. A liga era tanta, não faz muito tempo que um governador lá do nosso tempo (José Ivo Sartori) assim costuma se expressar; "eu saí da roça, mas a roça não saiu de mim". Daí as conexões escola/igreja/capela/roça/cidade. Tanto naqueles tempos como no tempo presente a igreja é a mesma, mas parece que no tempo presente é um mesmo diferente. A percepção, com alguma insistência está dizendo, que diferente daqueles tempos, quando a igreja, mais se parecia com a igreja da roça, no tempo presente, mais fica se parecendo com a igreja da cidade. Seria um enigma? Seriam os sinais dos tempos? Pelo sim ou pelo não estamos presenciando a síndrome da igreja vazia.

Por aqueles tempos, muitos eram os vínculos que ligavam os professores e a igreja. O fato dos professores enaltecerem, ensinarem, valorizarem as coisas da igreja os credenciava e facilitava. Parece que ser professor, tinha lá suas semelhanças com as coisas da igreja. Dizer que era uma espécie de sacerdócio, pode conter um certo exagero, mas tinha lá seus pontos em

comum. Naqueles tempos, não é que cidade e roça estava tudo junto e misturado. Muito embora as dificuldades de deslocamento eram muito grandes, tudo estava mais interligado. Diga-se um interligado diferente dos tempos atuais. O mesmo pode ser dito entre igreja e escola.

Embora não seja este o objetivo, quando falamos dos professores, quase sempre tendo vindo lá da cidade, feito morada na casa dos nossos pais, nos tempos de ir para a escola, a palavra que primeiro vem é gratidão. Muitos foram os benefícios que nos oportunizaram. Não é que efetivamente nos prepararam para viver na cidade, em outros lugares, exercer algum tipo de profissão, mas certamente contribuíram.

Considerando a importância dos professores. É hora de voltar para o semeador que saiu a semear. Esta parábola é repleta de saber. Vale tanto para outros tempos como para os tempos atuais. Toda semente (palavra) uma vez semeada encontra lugares, ambientes e mentes diferentes. De igual modo somos nós os humanos. Diante do mesmo, que os professores ensinaram na sala de aula. De formas tão diferentes fomos aproveitando, fomos assimilando, fomos fazendo. A história da caminhada de cada um é individual, por consequência cada qual é diferente das demais. Dizer que toda a semente semeada pelos professores caiu em terra boa e resultou em bons frutos, não faltarão controvérsias nem formas diferentes de pensar. Poderia ter produzido mais e melhores frutos? Poderia ter sido melhor? Além de depender de interpretação, melhor sempre poderia ter sido. De qualquer forma, ainda que com suas limitações. Oportunidades foram criadas, lá no interior do interior. Onde desafios, inclusive para chegar, tinha vezes que não faltavam. Eram comuns os atoleiros, o barro, água correndo nas estradas, outros eventos, que por vezes caprichosamente a natureza fazia brotar.

Aos que aquilo que foi oportunizado, souberam aproveitar, melhores alicerces conseguiram construir. Mais independentes se tornaram. Tiveram maiores facilidades, para enfrentar tanto as adversidades, com as empreitadas que estariam por vir, seja na cidade ou em tantos outros lugares.

E dizer que nossa mãe, com toda a sua humildade, pouca escolaridade. Mesmo lá no interior do interior. Quando o papel da mulher era criar seus filhos, ficar aquietada, ser submissa ao seu marido. Com sua intuição apurada, conseguiu perceber, que com a chegada dos professores, na sua humilde casa em tempos de seus filhos irem para a escola. Sementes estavam sendo plantadas, sementes estas que poderiam ter lá suas dificuldades, nem todas germinar. Mesmo as que germinassem poderiam ser sufocadas, ou então encontrar tantas adversidades que acabariam por serem eliminadas. Mesmo assim fez sua parte, ao criar todas as facilidades que estavam ao seu alcance, para os professores hospedar. Teria ela deixado se guiar pelo instinto maternal? Tem coisas que não sabemos direito como funcionam. Tem tanto que se houve, que se escuta e que se lê, de que mãe tem um sentido a mais. Que a percepção é mais aguçada, que se guia por caminhos, que só elas conseguem ver, perceber, intuir. Por conta disso, trilham caminhos desconhecidos dos demais. Quando falamos

em humildade, talvez não seja por obra do acaso, que já se disse, que além de ser a maior, é a mãe de todas as virtudes.

Quanto a nós, dentre os tantos benefícios advindos dos professores morarem na casa dos nossos pais nos tempos de ir para a escola, passamos a ter água encanada, que chegava até dentro de casa, assim como copo ou caneca individual para beber.

O que nós os filhos do Catterino e da Elvira hoje somos é a soma de uma infinidade de coisas. Considerando a importância da escola e dos professores morarem na casa de nossos pais. O que aqui está sendo feito é o reconhecimento, é uma forma de valorizar, aquilo que foi feito lá no interior do interior, onde tudo era simples e distante de tudo. Quem sabe não seja por conta disso que hoje estamos aqui escrevendo.

Aqui contamos um pouco daquilo que veio à mente daqueles tempos, lá no interior do interior. Foi por conta dos professores que começaram a chegar os primeiros livros, revistas e jornais. Muita foi a contribuição no aprender a falar, ler, escrever, fazer contas. Igualmente preciosa foi a ajuda nos temas de casa. Seria injusto não referir as melhorias na nossa alimentação, higiene, comportamento. Por exemplo, foi graças aos professores que cursos de corte e costura e de culinária dentre outros foi possível fazer. Por conta da confiança e de vínculos que foram sendo criados, íamos para a casa dos professores nos fins de semana ou então irmãos e pais dos professores passaram a frequentar a casa dos nossos pais. Certamente muito mais aconteceu que não vem à mente nos tempos que os professores moravam na casa dos nossos pais nos tempos de ir para a escola.

A vida é um processo em movimento. Como alguém já disse, talvez que sejamos metamorfoSES ambulantes. Enquanto que as árvores se guardam nas sementes. Nós humanos onde nos guardamos? Temos o passado, que diz do presente, que nos leva ao futuro. O que no passado se deu, que inclui o tempo que os professores moravam na casa dos nossos pais nos tempos de ir para a escola não tem nome. Aparentemente de tudo ou de quase tudo o que aconteceu esquecemos. Seria assim mesmo? A medida que o tempo foi passando, fomos mandando nossas coisas lá para dentro de nós mesmos, mais precisamente para o nosso subconsciente, para nossa memória, como se fosse o nosso depósito. É ali que feito semente nos guardamos. A exemplo da própria semente que fica em dormência, ali tudo está guardado. Aparentemente esquecemos. Como é o processo? De forma muito simplificada. Seria como se fosse o nosso depósito, onde está estocado tudo aquilo que foi acontecendo ao longo do tempo. A semelhança das árvores que se guardam nas sementes. Dentro de nós está guardado tudo aquilo que foi falado/semeado tanto pelos nossos pais, como pelos nossos professores, como por tantos outros. De forma que não sabemos direito como funciona, acabamos acessando tudo o que está dentro de nós mesmos que foi sendo colocado, estocado, armazenado, depositado ao longo do tempo. Assim como não sabemos direito como a semente vai se guardando dentro dela mesma e fica em dormência. Uma vez provocada ou então alteradas as condições, sai de tal estado e germina. Guardadas as devidas proporções, dentro de nós acontece um

processo que guarda semelhança. Não quando provocados ou quando as condições são alteradas, mas quando de alguma forma vem à lembrança, pelas mais variadas circunstâncias, acessamos tudo aquilo que está lá na nossa memória, no nosso depósito, no nosso subconsciente. Sempre que provocado, sempre que solicitado, ou quando vem à lembrança, sai ou então vai para o consciente. Assim como a dormência que está dentro das sementes consegue sair, germinar, como isso acontece não sabemos. Já com os humanos não sabemos tudo o que acontece, mas como temos o livre arbítrio, significa que temos a liberdade de escolher o que fazer. Talvez seja por conta disso que o pensador, ao chegar por estas proximidades, ao perceber seus limites, tendo a humildade como a maior de todas as virtudes, assim se expressou; “quanto mais eu sei, mais sei que nada sei”.

E dizer que este processo todo, além de ter se dado em meio a toda aquela simplicidade, se deu lá no interior do interior. Foi da soma de tudo aquilo que aconteceu por aqueles tempos que fomos sendo preparados, que fomos sendo forjados para o que viria depois. Enquanto que uns foram para a cidade, outros foram para outros lugares, cada qual seguindo sua jornada. A tudo isso que aconteceu, a palavra que primeiro vem e que faz a síntese é gratidão.